APRESENTAÇÃO ONLINE - III - PSICOLOGIA E QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS

FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL E AUTISMO: IMPLICAÇÕES CLÍNICAS NA PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Sarah Cristine Bastos (sarahcristine.bastos@gmail.com)

Paula Helena Lopes (paulahelenalopes.phl@gmail.com)

Este trabalho analisa criticamente os fundamentos ontológicos, éticos e políticos que sustentam a compreensão do autismo no campo da psicopatologia, a partir da fenomenologia existencialista de Sartre, problematizando a produção histórica de subontologias que incidem sobre determinados corpos e modos de existência. Partindo da ideia de que a consciência é nada e liberdade, constituindo-se historicamente no movimento dialético entre objetividade e subjetividade. Essa formulação pode ser lida a partir da colonialidade como dimensão constitutiva do mundo moderno, permitindo problematizar como a liberdade, dimensão central do ser, se configura nesses contextos. A desqualificação das faculdades cognitivas atribuída a sujeitos marcados pela colonialidade funda uma subontologia que hierarquiza existências entre zonas do ser e do não-ser. No interior dos discursos em saúde mental, o autismo é frequentemente capturado por enquadramentos psicopatológicos que o definem como déficit estrutural da experiência, reduzindo-o à falta ou disfunção e

substituindo a descrição fenomenológica por uma leitura normativa. A partir disso, propõe-se questionar o estatuto fenomenológico do patológico no que concerne ao autismo, distinguindo sofrimento existencial de modos singulares de constituição da experiência ao tensionar a fronteira entre sofrimento e diferença. O objetivo do estudo é refletir sobre como a clínica fenomenológico-existencial pode constituir-se como espaço ético-político de escuta que reconheça o autismo como modo legítimo de ser-no-mundo e não uma falha dessa elaboração de sujeito. Trata-se de um ensaio teórico, fundamentado em análise bibliográfica e na articulação entre fenomenologia existencialista, estudos da neurodiversidade, modelo social da deficiência e perspectivas decoloniais. Depreende-se deste trabalho que pensar saúde mental fenomenologicamente implica revisar os próprios critérios de normalidade e patologia dentro das afirmativas pouco aprofundadas e superficiais sobre o tema, sustentando uma clínica de fato comprometida com a despatologização, com a suspensão de pressupostos ontológicos hierarquizantes e com o rigor na descrição da experiência vivida.

Palavras-chave: autismo; psicopatologia fenomenológica; neurodiversidade; psicologia clínica.